



CASTELLO D'AGUILAR.

GONÇALO Eannes Dobinal, rico-homem portuguez e da illustre familia dos Aguilares, famoso por armas, prestou bons serviços aos reis de Castella, em premio dos quaes D. Alonso o Sabio, pelos annos de 1258 lhe fez cessão perpetua dos estados de Poley, villa forte e poderosa, assentada sobre as ruinas da Ipagro dos gregos, a sete leguas de Cordova para o sul, no coração da Andaluzia, e que era defendida por uma antiga fortaleza de primitiva construcção romana. Do novo senhor tomou nome novo o castello de Poley e se ficou chamando de Aguilar; os descendentes de Gonçalo Eannes o possuiram até ser dado em 1370 a D. Gonçalo Fernandez de Cordova, que fundou o castello, de que ainda subsistem as ruinas, no estado que mostra a gravura precedente, feita por um desenho tirado em 1839. Foi edificio espaçoso e inexpugnável, não menos digno de attenção pela estructura solidissima das obras exteriores que pela bella architectura.

Achámos desnecessario entrar na descripção do castello; mas, para que se veja que a nação visinha tem padecido o mesmo contagio que por cá tem lavrado, não podêmos ommittir algumas palavras de um contemporaneo, o Sr. Dom M. de Córte, que ha tres annos escreveu que «a distribuição interna do edificio ainda se deixa conhecer, posto que quasi apagada pela mão do tempo e o vandalismo da ignorancia. . . .» — que «as enormes lages tem sido derrubadas não tanto pelo decurso dos seculos, como por uma ordem barbara e anti-nacional, disposição que, sob pretexto de melhorar os passeios das ruas da villa deu em terra com um monumento illustre das artes, testemunha de glorias, theatro de successos importantes, e berço de varões eminentes.» — finalmente que «no fim do seculo passado achava-se o castello de Aguilar habitavel, quasi intactos os seus muros, uteis as suas torres, e digno de ser visitado: hoje, graças a uma

despreocupaçào mais funesta que todas as preoccupações da antiga aristocracia hespanhola, é sómente um esteril montão de ruinas, alvo da ingratição e esquecimento da geração presente.» —

#### ECONOMIA POLITICA.

*Considerações sobre o Curso d' Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.*

(Conclusão.)

Na serie de artigos até aqui publicados, perdemos de vista desde o segundo a Miguel Chevalier e a sua obra: o seu nome tomámos por escudo; o seu livro como pretexto e estimulo; mas no paiz em que nascemos pozemos o pensamento, que se é debil pelas nossas faculdades, pelo acanhamento do nosso espirito, pela estreiteza da área em que o semeámos, é forte pela vehemencia dos nossos desejos. Neste bosquejo rapido e incompleto de alguns dos muitos melhoramentos economicos que está pedindo a nossa situação, fitámos tambem á manifestação de uma verdade simples, mas desprezada, e que de o ser se tem mallogrado, ou quebrantado no conceito publico algumas reformas uteis: alludo ao isolamento de algumas medidas que se tem tomado, aliás proveitosas; mas que por não terem sido acompanhadas de outras, ou tem parado em se annullarem de todo, ou fallido de resultado solido, e verdadeiramente nacional. É que se tem desavertido a filiação e nexos de certos expedientes com outros, sem os quaes os primeiros decahem da sua importancia, ou se paralisam inteiramente na sua faculdade creadora. Não tem havido nem ha systema no nosso regimen economico: estratagemas mesquinhos, providencias de detalhe, medidas incompletas, organizações mutiladas e efeme-

ras. — a isto se reduz elle. O achaque da quadra é este: tomar por especifico unico ao mal que experimentámos qualquer alvitre bom na essencia; mas per si só insufficiente, ou inefficaz. Todos, mais ou menos, temos enfermado desta molestia terrivel, de que vamos convalescendo com muito vagar. E passando revista ás leis e actos, desde a restauração até agora, que intendem directamente com a economia nacional, qualquer poderá encontrar os factos que attestam esta nossa observação, e acintemente callámos, porque farão maior força no animo do leitor achados por elle, do que indicados por nós.

Comtudo apesar do atrazamento em que estamos, a nossa situação é mais favoravel a certos respeito do que a de outros estados muito mais prosperos. A Belgica, tão adiantada em todos os ramos, lucta já com esse enigma profundo que atormenta os paizes mais civilizados da Europa, apresentando naquellas de suas provincias, onde a industria tem recebido desenvolvimento mais amplo e mais rapido, e a taxa dos salarios é mais elevada, maior numero de indigentes; e menor numero delles naquella de todas a mais pobre e a menos industriosa — o Luxemburgo (\*). Na presença deste embaraço tem de tentar ensaios aventureiros e caminhos desconhecidos para sahir d'elle: em quanto nós temos a cursar uma derrota industrial sabida e experimentada — a mesma que andaram outros para chegar ao ponto em que se acham. O nosso noviciado é menos difficil, ajudado das experiencias e trabalhos de alheios povos. Aproveitámos dos seus successos, e até dos seus revezes.

Se esta é pois a nossa vantagem sobre outros paizes, que elles se vêem obrigados a lançar-se n'uma carreira desconhecida, e nós n'uma que o não é, entremos com afoitez nesse campo que está limpo e aberto diante de nós; emulemos nobremente, imitando-a em seus esforços, a Belgica, envergonhada de que sendo o seu territorio metade ou pouco mais do continente portuguez, a sua população exceda á nossa de Europa quasi  $\frac{1}{4}$ , e a sua industria e civilização nos levem uma superioridade incommensuravel em todos os generos.

Nós pretendemos que á divisão da propriedade se acrescentem transportes faceis — que a produção se fomente no seu proprio embryão por capitães baratos — que os capitães barateem pelo modo que o podem ser, que é a concentração e o movimento commercial ao mesmo tempo, dos grandes e dos pequenos, dos metallicos e dos que o não são — que o credito se promova dando garantias aos que emprestam; e que as garantias se consolidem codificando e regenerando onde convenha a nossa legislação cabotica; administrando justiça mais expedita e imparcial do que está sendo; tirando assim á propriedade a incerteza que a deprecia, e que contribue tanto para a taxa exorbitante dos juros. Pretendemos que as forças sociaes que ainda estão solitarias se aggreguem — que as forças naturaes, ainda desprezadas, se utilizem — que a comunidade industrial siga a gradação civilisadora e historica do monachismo, passando do *eremiterio* para o *cenobio*. Por este pensamento creador, por este principio da associação é que desejámos se abra o santuario da natureza aos engenhos privilegiados; se proporcione ás invenções mechanicas uma área experimental nos estabelecimentos fabris; se franqueie mediante

(\*) Heuschling, *Essai sur la Statistique generale de la Belgique* pag. 62 — Bruxellas, 1838.

estes uma vasta esfera á actividade individual; e se teça um laço de fraternidade e commercio entre o campo e as villas.

Desejámos commercio externo pela causa donde elle deriva todo; pelo fim social a que se dirige; pelos resultados salutaes que offerece. E — se é licito misturar com as economicas considerações de diferente ordem — queremos-lo como sombra saudosa da nossa antiga grandeza, como reflexo — embora pallido — como imagem, como monumento — embora mesquinho — do nosso passado. Queremos-lo. Mas sem possuir proprios os meios de condução que approximam as distancias, e até apagam as separações que desunem os povos, fóra aquella economia *paupertina*, como Leibnitz chamava á philosophia de Locke — mascara mais que ironica e parodia degradante do nome honrado de nossos avós, os *navegadores*!

Desejámos ter colonias sem embargo da conta que sobre a receita que ellas nos rendem calcula em mais uns oitenta e tantos contos e não sei que réis o excesso da despeza que nos causam. Calculo que se d'elle havemos de concluir que a metropole deve abrir mão dos dominios do ultramar por este simples deficit, nesse caso — já — ponhamos em almoeda o reino de Portugal, porque mostra — proprietario arruinado! — uma lacuna annual de 2:000 contos no seu rendimento. Logica verdadeiramente *paupertina* e mais que a do philosopho inglez seria essa, saldando sómente a perda do thesouro ou do estado com aquelles dominios, sem metter em conta os ganhos do commercio particular que fazem com elles os cidadãos da metropole. Logica do desalento, balda de esperança e de fé que resiste a acreditar no lucro liquido que poderia tirar a metropole dos mesmos dominios, se fossem melhor administrados! [E passo a esponja do esquecimento sobre a historia e a politica que tantas advertencias — calculos de outra arithmetica — nos tem escriptas no pergaminho secular de nossas conquistas].

Se eu deploro a perda da nossa preponderancia commercial — se tenho saudades da nossa supremacia maritima, e da nossa gloria passada, não é que deseje que voltando sobre o caminho que temos andado retrogrademos até esses tempos. Eu bem sei que as nossas casas, e até as nossas leis, que as nossas villas e cidades, as nossas ruas e praças, os nossos vestidos e alimentos, e até os nossos costumes são melhores hoje que os de nossos avós: blasphemia como soará a alguns ouvidos, a historia ahí está que nos presta testemunho de verdade. Outros chorem, que eu não, os palacios de nossos primeiros reis cobertos de colmo e giesta; as devassidões do nosso claustro; a crueza e barbaridade do nosso povo; o espirito frugal do monarcha que taxava os pratos e os guisados que se haviam de servir á meza dos particulares; a rudeza dos homens analfabetos de nossas classes, elevadas e infimas; o traje e armadura estravagante dos nossos soldados, a barbuda com seu camalho e estofa, a cota, o jaque, o coxete, as caneliras, o estoraque, a daga, e grave: as fomes e pestes que tão amiudadas nos visitavam em outras eras não as envejo para nós: as procissões espantosas das victimas adornadas com *samarra* e *carrocha* não as appetço eu. Em civilização somos superiores a nossos antepassados: elles levavam vantagem aos homens do seu tempo em nautica, em commercio, e no genio das empresas: mas nós

estamos muito aquém dos nossos contemporâneos nestes e em muitos outros pontos. Excedem-nos os nossos maiores em serem os primeiros da sua epocha; em irmos, soldados retardatarios, na retaguarda da nossa. O nosso poder social é mais humano e menos despótico do que era; mas menos habil, menos entendedor do seu século do que o foi n'outros. Grande desgraça, grande sobretudo para as nações pequenas, que nessas as forças individuaes são debeis para emendar a deficiência e desacertos da força publica; em quanto nas nações poderosas, a intelligencia do governo, se está inferior á do povo, é suplantada por ella, como foi na França, em 89.

Os povos pensam, trabalham, e produzem por si, porque se compõem em grande parte de adultos. Os governos protegem o pensamento, o trabalho, e a produção individual, moderando os conflictos do interesse e direito particular de uns com o de outros, ou com a sociedade. E por isso governos *paternaes* são hoje disparate e anachronismo que corresponde a *povos meninos*: e governos automaticos o mesmo significam que povos sem direcção. A tutela absoluta funda-se na theoria que os homens são rebanhos: a anarchia economica no principio que são perfeitos. A primeira doaria o exclusivo da agricultura, das artes fabris, dos capitães, das propriedades ao governos. A nullidade economica roubar-lhe-hia a acção benéfica que elle pôde exercer como administrador de grandes rendas, possuidor temporario de grandes fundos, apreciador mais exacto, pela sua posição, das necessidades e recursos do paiz. O pautado dos regulamentos, e o licenciado do systema opposto são ambos elles funestissimos. Um esterilisa tudo. O outro não deixa organizar nada. A verdadeira economia politica reina entre estes dois excessos, extrema-se destas duas idéas absolutas, que pelo serem se convertem em erros, que por serem erros se transformam em males sociaes. Os estados pereceriam, regidos absolutamente por uma destas idéas. Os governos nunca adoptaram exclusivamente a nenhuma dellas: inclinaram-se mais ou menos a uma ou a outra: umas vezes deixaram de ser fabricantes, abandonando esse mister á actividade dos particulares que o desempenha melhor: outras construíram estradas, tomando a iniciativa em empresas dispendiosas mas uteis a que não bastavam os recursos individuaes, ou desconcorridas pela mania do isolamento, pelos prejuizos, e pelos receios.

Ao passo que o espirito de associação se fôr propagando; que este sestro de solipsismo se fôr deterrando; que este temor e desconfiar de tudo como Pygmalião; que este horror a despegar-se do numerario para que gire em operações productivas fôr desvanecendo, a necessidade daquelle auxilio do estado de que não podem prescindir algumas empresas publicas, e da iniciativa que a auctoridade toma em certos trabalhos industriaes, irá diminuindo.

Tem diminuido já, e sensivelmente. Hoje reu-nem-se homens e capitães particulares para crear estabelecimentos fabris; apparece á luz o numerario entesourado ou escondido, e com elle se dá vida a muitos valores, braços, e instrumentos até agora inertes. No século passado fundavam-se fabricas — fundaram-se quasi todas — de emprestimos do thesouro, de adiantamentos, de materiaes, de instrumentos facultados pelo estado aos emprezarios. Então licenciava-as a junta do commercio,

escravizava-as o systema dos regulamentos, embaraçava-as em suas malhas complicadas a rêde dos privilegios. Hoje deu-lhes carta de alforria, deu-lhes foros de cidade o novo systema; e solta, como a ave no espaço, pôde caminhar a industria.

Passo immenso: victoria da liberdade: milagre da associação. A liberdade disse ao homem: — sois proprietario do vosso braço, escolhei officio: trabalhai. — E disse ao pensamento: — discorrei: inventai: auxiliai as forças da creatura com as da natureza: aparelhai as machinas. — A associação temperou, corrigiu, modificou as propensões antagonistas do individuo, arrancou o solitario ao meditar selvatico do egoismo, o homem livre ás paixões da pessoalidade tão destruidoras, se desenfreadas; e das facultades debeis dos seres isolados compoz a potencia invencivel da communidade. Pela primeira não ha desherdados: todos podem dispôr da intelligencia e da força propria, que bens são indisputaveis. Pela segunda não ha fracos, porque todos estão unidos: não ha opprimidos, porque a resistencia e a defeza são mutuas: não ha indigentes, porque o soccorro é reciproco: não ha tyrannos, que não possam ser esmagados: não ha obstaculos á felicidade geral, que não possam ser vencidos.

E com o auxilio de ambas caminha o carro triumphal das nações, caminha e nada o pôde deter. Vai rolando nos campos da liberdade, e nos da industria tambem. Por aquelle movimento successivo, por aquelle lei providencial do progresso tem a península de provar-se nesta lide de innovações politicas, e melhoramentos materiaes abençoados de outros paizes. E se um momento as contradicções dos homens nos suspenderem a marcha, passará rapido esse momento. Habitâmos com outros estados esta vasta região, que pelo aspecto accidentado do seu territorio, e delineamento dos rios e mares que a banham, symbolo da variedade, está predestinando á vida activa, mobil, e aventureira as gerações que nella se agrupam e succedem. E não é possivel que convivendo no collegio das nações civilisadas, em contacto com ellas pelo oceano e pela terra, nos não seja communicada uma porção, ainda que fraca, do grande impulso que as agita, uma centelha da chamma que as aquece. Situados na orbita deste systema social, participaremos, posto que humilde satellite, de uma particula da energia que vivifica a outros estados. Pela propria gradação do nosso desenvolvimento interno, tendo já pago escote avultado aos exercicios mysticos e contemplativos de outras eras, agora toca-nos cuidar do viver externo e do trabalho industrial que pertence á nossa. Cuidaremos: e da decomposição profunda, do vicio fundamental que achaca a sociedade ingleza talvez venhamos a aproveitar. Fugindo á eiva malefica que os accomette na terra natal, os seus capitães e os seus industriosos virão — não o creio impossivel — acoitar-se a esta Península, fertilisar este solo que regracia com tanta magnificencia as fadigas do homem, auxiliar este povo que tanto tem cooperado no adiantamento de todos os outros.

\*

Quando no meu art.º 4.º expuz o modo de fazer circular os capitães não pecuniarios, não foi minha intenção occultar que o banco de Lisboa emprestando, como todos sabem, sobre os generos depositados na Alfandega desta capital, de feito contribua — nessa parte ao menos — para a circulação

\*

dos mesmos capitaes. Mas como similhante pratica nem se estendia a outros pontos commerciaes do reino, nem a outras mudanças, e situações, aliás mui variadas, por que passam as mercadorias, antes de chegar ao consumidor, propuz que *ampliásse* [e até me servi desta palavra] o expediente que alli aponteí, que não é contrario, antes muito analogo á referida pratica.

A. d'O. Marreca.



BUSTO DE NEWTON.

Com suas leis a vasta natureza  
Immersa em sombras lugubres jazia;  
Surge, ó Newton — bradava a voz do Eterno:  
Nasceu Newton ao mundo, e nasce o dia.

P.º Macedo. Newton. Canto 3.º

ISAAC NEWTON, descendente de uma antiga e honrada familia do condado de Lincoln, nasceu no dia de Natal de 1642, anno em que morreu o tão famoso quanto perseguido Galileu; como se a Providencia tivesse disposto que a falta de um fosse logo substituida por outro investigador profundo das leis e arcanos da natureza. Nasceu orphão de pai, que havia pouco fallecêra; e passando sua mãe a segundas nupcias foi mandado educar na eschola de Grantham, onde principiou a desenvolver, na tenra idade de 12 annos, a natural propensão para a feitura de machinismos, e o gosto pela sciencia de calcular e pela arte do desenho. Por morte de seu padrasto voltou para casa a ajudar sua mãe no trafego e administração do casal e lavoura, mas o amor aos livros e á meditação lhe fazia esquecer os interesses da fazenda: quando ia ao mercado gastava horas inteiras no caminho, ás vezes a examinar uma azenha ou moinho, ou qualquer construcção similhante. Não podendo vencer-lhe a inclinação, mandaram-no estudar a Cambridge; e o que parecia por condição destinado á vida de lavrador obscuro veio a ser celebre entre os maiores philosophos, e a ufania da sua patria: começou pela Geometria de

Euclides, mas achando a sua penetração demasiado faceis as proposições deste livro passou brevemente á Analyse de Descartes e á Optica de Kepler, fazendo additamentos aos auctores, e observações, que escrevia á margem. Dentro em pouco tempo chegou a noticia favoravel de seu engenho e applicação ao Dr. Barrow, então dos primeiros mathematicos inglezes, o qual se declarou constante patrono e amigo do mancebo estudante.

De 1664 a 65, estando já bacharel formado, occupou-se por uma parte em especulações e experiencias sobre a natureza da luz e das côres, e por outra a preparar o caminho para o seu novo methodo de fluxões e series infinitas. Dahi a pouco, vindo o contagio assolar Cambridge, teve de retirar-se ao campo; e foi por esse periodo que lançou os fundamentos ao systema universal de gravitação, cuja primeira idéa [segundo uma anecdota mui vulgar] lhe fôra suscitada vendo cahir um pomo da arvore: dizem que um raciocinio immediato o induzira a concluir que a mesma força manifestada na quêda da maçã, poderia ser applicavel á lua, e que reteria esta em sua orbita. Depois estendeu elle a sua doutrina a todos os corpos e a demonstrou por modo evidente, confirmando as leis, que Kepler descobrira, por uma laboriosa serie d'observações e raciocinios. Não só todos os ramos da natural philosophia receberam de tamanho impulso grandes melhoramentos, mas até se fez uma nova sciencia nas mãos de Newton: o systema de gravitação confirmou, como dissemos, os descobrimentos de Kepler, explicou as leis immutaveis da natureza, converteu o systema de Copernico de hypothese provavel em plena e demonstrada verdade, e effectivamente desfez os vortices ou turbilhões de Descartes, e todos os improvaveis epicyclos e grosseiro aparato com que os antigos e alguns modernos entulharam o universo. — Se Newton tivera noticia dos escriptos dos nossos sabios Antonio Luiz e Pedro Nunes, que anteviram alguns daquelles descobrimentos, por certo que, dotado como era de modestia e animo recto, faria delles menção digna em suas obras.

Os — *Principios mathematicos da philosophia natural*, livro magistral de Newton, contém um systema philosophico inteiramente novo, edificado sobre as bases solidas da experiencia e observação, e demonstrado pela mais sublime geometria: os tratados sobre a Optica deram a nova theoria da luz e das côres.

Em 1687, Newton assignalou-se como strênuo defensor dos privilegios da Universidade de Cambridge, onde leccionava as mathematicas: em 1683 foi eleito membro da camara dos communs: era já então o seu extraordinario merito bem e geralmente reconhecido. No ministerio de lord Halifax foi nomeado conservador da Casa da Moeda, cargo que desempenhou com serviços importantes para a nação: tres annos depois o promoveram ao logar mais superior da mesma repartição, no qual se conservou até o seu fallecimento. Feito em 1703 presidente da Sociedade real, resignou inteiramente a propriedade da cadeira em Cambridge, onde havia tempos pozera serventuario.

O seu tratado sobre refrações, reflexões, inflexões e côres da luz, que tem passado por muitas edições, e tem sido traduzido em varias linguas, foi publicado a vez primeira em 1704. No anno seguinte a rainha Anna o elevou á ordem de cavalleiro. Em 1707 appareceu com a Arithmetica Uni-

versal. Muitas são as suas obras, e todas [como se usa dizer] de vigoroso pulso: a melhor edição é a do Dr. Horsley com precioso commentario, dada á luz em 1784 em 5 vol. in 4.º

O habitual temperamento, e a equanimidade de que, tambem por compleição, era dotado este homem insigne, contribuíram para a conservação da sua saúde, e gozo de suas faculdades até mui avançada velhice: a final accommetteu-o uma doença da bexiga, que lhe motivou graves padecimentos, e de que morreu a 20 de março de 1726, contando 84 annos. Foi sepultado na abbadia de Westminster, onde lhe erigiram monumento com inscripção latina: a sua estatua, obra de Roubiliac, foi collocada no collegio da Trindade em Cambridge, de que fôra membro. Acha-se o desenho desta estatua em o nosso volume 4.º

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

VIII.

1578

*Aspecto de Lisboa ao ajuntar-se e partir a armada para a jornada d'Alcaeer-Quibir.*

APESAR de os historiadores do infeliz D. Sebastião haverem aproveitado muitas memorias coetaneas para tecerem as suas narrativas, esta de que hoje damos um extracto lhes foi desconhecida. E todavia ella apresenta o quadro mais miudo e talvez mais completo da grandeza e importancia daquella desgraçada expedição, em que as riquezas, os sacrificios de todo o genero, e as violencias inauditas de que todo o paiz foi theatro não poderam remediar a decadencia do antigo esforço portuguez, nem restaurar a energia indomavel dos seculos anteriores, corrompida pela morte da liberdade municipal e da independencia aristocratica, annulladas por D. João 2.º e por D. Manuel. — Do estylo, do modo por que a relação dos successos se apresenta, do ponto em que ella termina, e dos signaes paleographicos do manuscripto se deduz que esta memoria, pertencente á Bibliotheca Real, foi escripta por um contemporaneo e testemunha ocular dos aprestos da armada. A valia, pois que tem para o estudo de uma das epochas capitaes da historia patria, nos fez escolher alguns extractos della para formarem parte da serie de noticias mais curiosas e reconditas sobre as nossas cousas, que ha muito começámos a publicar neste jornal sob o titulo de Archeologia Portugueza.

\*

Estava a cidade de Lisboa em todas as cousas mui differente do que era, porque a gente que nella havia não se lhe dava numero, nem havia homem que passeasse, nem andasse de vagar, assim naturaes como estrangeiros, porque todos se negociavam para a jornada de Africa, onde elrei queria passar, e mostrava-se em todos tanto alvoroço que pareciam que iam a folgar ou a ver umas grandes festas.

Havia muita gente estrangeira afóra os tudescos, que elrei mandára vir e que estavam em Cascaes alojados, afóra 600 soldados, os quaes indo para a Rochella por mandado do papa em soccorro dos catholicos contra os herejes, vieram a Lisboa tomar refresco, e pedir embarcação a S. A., a qual lhes não pôde dar, por ter necessidade de todos os

navios para esta viagem, antes disse ao capitão desta gente, que era o duque Lenister de Irlanda, que o quizesse acompanhar nesta jornada, e que para isso mandaria pedir licença a S. Santidade, para o qual o duque lhe deu de praso 40 dias para dentro delles vir a resposta, a qual não veio até a partida d'elrei; mas enfim os fez embarcar e levou comsigo. Era gente muito lustrosa, e soldados velhos exercitados.

Havia em Lisboa muita gente estrangeira, assim castelhanos como de outras nações, que vieram para irem nesta jornada por aventureiros, gente honrada e muito lustrosa, que vieram servir elrei á sua custa e sem partido. E assim acudiram muitos officiaes de instrumentos militares; porque mandou elrei declarar por Italia, Castella, e Alemanha, que todo homem que em sua terra tivesse officio de guerra e quizesse acompanhar nesta jornada lhe faria partidos avantajados.

Elrei Philippe em Castella mandou apregoar que todo o homem que passasse com seu sobrinho nesta jornada, lhe levaria em conta todo o tempo que servisse, como se acompanhára sua propria pessoa.

Fez elrei quatro coroneis — sc. Diogo Lopes de Sequeira do terço de Lisboa e seu termo, D. Miguel de Noronha do de Santarem, Vasco da Silveira do de Alemtejo, Francisco de Tavora do terço do Algarve. Não fez coronel d'Entre Douro e Minho, nem da Beira, porque a gente que de lá vier se hade repartir por estes coroneis.

Estes despediu elrei a 20 dias de maio, para que cada um fosse fazer sua gente e pagasse logo a todos, e começasse a paga a correr desde o dia que cada um parlisse da sua terra. A gente de Lisboa e a dos terços de Santarem e do Alemtejo veio embarcar aqui em Lisboa; a outra se embarcou em os portos mais chegados: e para esta gente se embarcar mandou elrei vir aqui de Setuval 60 urcas que estavam á carga do sal. Todas estas entraram em Lisboa em um dia, e ficaram lá em Setuval outras 70 urcas, que elrei mandou hi carregar de cousas necessarias. Vai por general de toda a armada D. Diogo de Sousa, governador que foi do reino do Algarve.

Era elrei tão cioso ou curioso da negociação desta jornada, que de ninguem a fiava nas cousas necessarias senão de si mesmo. E foi por vezes visto em pessoa mandar carregar e negociar os seus galleões; e tão occupado que pela sésta se viu um dia no caes sem chapéu, mandar arrumar em um galleão umas poucas d'armas; e era a sésta ardentissima.

É infinito querer contar do aparelho das cousas de guerra, que elrei mandou embarcar: de artilharia muita, e muito grossa, uma de campo e outra de bater, e outra para o mar, toda de bronze, infinitos corpos d'armas, piques, arcabuzes, pelouros, ceirões, carretas, enxadas, alviões, barças, polvora, marrões, e murrões; e para isto levava muitos gastadores, que diziam que eram 4:000: levava muitas azemolas, bois, carros, e todo o mais destas cousas: levava mais para os gastadores um galleão cheio de çapatos de malhão.

Chegou a Lisboa o duque de Bragança no fim de maio com sua gente escolhida, vestida de amarello, e guarneçada de vermelho: outra alguma de seu serviço vinha de vermelho fino, com calças e gibões da mesma côr. Leva muita gente, e a mais della mandou embarcar em Setuval, onde tinha

para isto, e para sua matalotagem e cavallos, vinte e sete urcas apenas por mandado d'elrei. — O duque veio pela posta, e ao outro dia adoeceu, e esteve muito mal; e quando viu que não podia ir por sua indisposição, mandou vir de Villa-viçosa o filho mais velho, para em seu logar ir com elrei. Não lh'o quiz a duqueza mandar, e mandou-lhe o filho segundo, que lhe elle logo tornou a mandar, e que em todas as maneiras lhe mandasse o filho mais velho, o qual veio, e partiu de Lisboa apoz elrei em uma náu veneziana, tão grande como uma da India, muito bem concertada com muita artilharia grossa, com muitos estandartes, e padezes; e foi por Setubal para levar consigo a sua gente que lá estava embarcada.

Ao 1.º de junho mandou elrei lançar bando que todas as companhias fossem receber soldo, e que todo homem assi natural como estrangeiro que recebesse ou tivesse recebido soldo, e não passasse á Africa, que morresse.

Foi elrei por vezes ao campo ver os esquadrões e os capitães como o faziam, e elle mesmo andava nas resenhas e entre o pó e fumo da arcabuzaria, muito alegre e contente. E é de notar o fervor com que negociou estas cousas: e depois que se isto começou a apparellhar lhe era pesada toda a practica, que não tratava de guerra, ou do apparelho della.

Neste meio tempo houve algumas brigas mui travadas, e algumas de bandos, como foi uma dos portuguezes e tudescos na praia da Boa-vista, sendo mais de 200 tudescos e outros tantos portuguezes, que durou por muitas horas, sem os poderem apartar nem apasiguar; e não morreu mais de um tudesco, e houve muitos feridos de uma parte e outra, e nasceu esta briga de dois portuguezes quererem obrigar a dois tudescos que pagassem a uma taberneira o que lhe comeram, que lho não queriam pagar. Outra briga houve de portuguezes contra castelhanos, porque tres portuguezes inconsideiramente arrancaram contra um esquadrão de castelhanos, e succedeu-lhes bem, que em pouco se juntaram 40 ou 50 portuguezes que brigaram valorosamente, onde mataram quatro castelhanos e feriram mais de vinte: dos portuguezes não mataram nenhum, mas ficaram alguns feridos. Esta briga se fez no Rocio, á porta do hospital d'elrei, e armou-se de estes tres portuguezes chamarem ladrões a seis ou sete castelhanos dos daquella companhia, porque estando um mouro de Cide Muça com tres moedas d'ouro de 500 réis na mão, lhe disseram estes sete castelhanos se as queria trocar, que lhe dariam de ganho 40 réis por cada uma: acceitou o mouro, e pediram-lhe os castelhanos as moedas para vêr se eram de peso, e mostrando-lhes as tres, as passaram de mão em mão uns pelos outros de maneira que desappareceram; e o mouro pediu ajuda a estes tres portuguezes e emenda da zombaria que lhe fizeram, e que lhe tornassem o seu dinheiro. Vendo elrei que estes negocios iam para mal, e que cada dia havia brigas, mandou lançar bando que todo homem assim natural como estrangeiro, que na côrte arrancasse espada, morresse por isso, e assim se atalharam as brigas.

Mas depois que elrei se partiu houve uma só, que foi a gente do duque de Bragança com uma companhia de castelhanos que ficou em Lisboa para receber soldo; e tanto que a briga se começou o capitão dos castelhanos recolheu sua gente o melhor que pôde nas varandas dos paços da ribeira, e a briga começou-se á porta do mar junto ás casas

de Affonso d'Albuquerque. Ajuntaram-se da gente do duque mais de 200 homens, e o fizeram como muito soberbos e pouco esforçados; porque sabindo o capitão dos castelhanos com uma bandeira de paz, e pondo-se de joelhos diante delles, dizendo que por amor de Deus o matassem a elle e deixassem os seus soldados; que olhassem que eram irmãos dos portuguezes, e vinham a servir elrei de Portugal; elles sem deferirem a isto, iam seguindo sua furia, e vendo algum castelhano ás janellas ou varandas lhe tiravam ás arcabuzadas, e ao mesmo capitão que lhes pedia paz lhe tiravam muitos golpes e pedradas, que foi milagre não o matarem ou ferirem. Fez este capitão maravilhas e deu mostras de muito esforçado; e porque já alguns do duque haviam tido os dias atraz brigas com alguns da sua companhia, e era em rixa velha, foi este capitão ao duque pedir-lhe amoestasse a sua gente não lhe quizesse matar seus soldados, e como já o duque estava informado das finezas que este capitão fizera, lhe agradeceu muito e lhe mandou dar um cavallo e duzentos cruzados, e um chapéu seu, que tinha, para levar, porque o capitão ia sem elle, que o perdêra na briga.

E pela cidade se começou a alevantar um rumor que seria bom prenderem ao mesmo duque; que não era possível que elle não mandasse á sua gente fizessem bandos e as taes brigas, sendo elrei ausente, e que sempre a casa de Bragança fóra avessa ás cousas do rei. Não faltou quem avisasse ao duque disto, o qual mandou chamar toda a justiça, e lhes pediu com muita instancia, que todo seu creado prendessem e julgassem no mesmo instante, e que se conheciam alguns dos outros da briga passada os prendessem logo, e se julgassem como a elrei e a suas justiças parecesse. Conheceram doze dos que começaram a briga; prenderam-nos: todos os mais fez logo o duque embarcar, e partiram com o duque novo. Afóra estas brigas todas, amanheciam muitos homens mortos das brigas de noite.

Aos oito dias de junho mandou elrei lançar bando que todos se aviassem, porque elle se embarcava a 14 do mesmo mez, que foi um sabbado; e tão firmemente, que perguntando-lhe Christovão de Tavora se havia de passar alguns dias depois dos quatorze, lhe tornou: — que bem se podia o céu ajuntar com a terra, sem haver falta no que tinha mandado apregoar.

Neste sabbado 14 de junho foi elrei, dos paços da ribeira á sé, a buscar a bandeira real. Tanto que amanheceu começaram a correr os fidalgos para o acompanharem: e parece que á porfia trabalharam para ir cada um mais galante e custoso: cousa que espantou muito as gentes, ver como todos iam ricamente vestidos; porque se a materia dos vestidos era rica, a obra, feitios e invenções de mais rica sobejava; porque tudo era brocado, tela de ouro e prata, tecidos d'ouro e prata, tecidos de seda mui custosos. Os veludos, damascos, e todas as mais sedas perderam sua valia, e se alguma tinham era pelos muitos passamanes, rendilhas, espiguilhas, torchados e alamares de ouro que lhe punham. Mas tudo isto era de pouco gasto em comparação dos feitios, que estes destruíram os homens.

Alem disto foi espanto ver a muita pedraria que neste dia sahiu: os botões d'ouro, as tranças dos chapéus cheias de rubis, diamantes, e esmeraldas de preço infinito, entresachadas a compasso umas com as outras; os camafeus, medalhas e estampas

de feitio singular; as cadeias d'ouro grossissimas aos pescoços, de dez e doze voltas; as couras bordadas d'ouro com botões d'ouro, cristal, perolas e demais pedraria; os gibões e coletes sobre telilha d'ouro com invenção de córte, pique, presponte maravilhoso; os capotes de damasco, setim, chalmote de seda, bandados com barras de veludo e torças d'ouro.

Os arreios dos cavallos eram cousa de admiração; porque todos os fidalgos levavam em seus cavallos cabeçadas e esporas de prata, esmaltadas de ouro e azul; as estribeiras com mil figuras e maneiras de bichos abertos nellas, obrados por singular arte; as nominas, peitoraes, cigolas e cordões com muitas borlas d'ouro e torças; as muchillas com os jaezes e cubertas quando menos eram de veludo com mil franjas de ouro e prata, e os mandís de veludo.

Nem era menos ver como os fidalgos vestiram todos a sua gente, uns de gran, outros de raxa de méscia e tamete, isto assim a escudeiros e pagens como a lacaios e escravos, cada um de sua libréa de suas cores, e alguns os vestiram calças e gibões de seda da cór de sua libréa, com meias de agulha de seda.

Emfim foram os fidalgos esperar a elrei á sala, e dahi desceram com elle até cavalgar. Estava a este tempo o terreiro do paço, que é um espaço grande, muito cheio de gente, que não havia poder andar, e alem disso era para ver estar as libréas de dez em dez homens, pegados nos cavallos de seus senhores, de cores differentes todos, com muitas plumas de diversas côres nos chapéus, com cendaes aos pescoços com borlas d'ouro e seda, que faziam um campo esmaltado de diversas boninas.

Finalmente passando elrei pela varanda, junto da escada por onde havia de descer a cavalgar, olhou para todo o espaço da gente, e conhecidamente se lhe enxergou no rosto o contentamento de ver tanta gente, tão lustrosa e tão alvoroçada; e cavalgando, foi passando pelos fidalgos pondo os olhos em cada um com uma alegria e benignidade desacostumada. Desta maneira foi acompanhado até a sé, onde, depois de ouvir missa, se benzeu com muita solemnidade a bandeira, na qual estavam de uma parte postas as armas reaes, e da outra um crucifixo, com elrei D. Sebastião tirado pelo natural.

Já que tudo era acabado, elrei com os joelhos no chão e os olhos arrazados d'agua esteve um pedaço diante do Santissimo Sacramento rezando. Acabando a oração entregou a bandeira a D. Luiz de Menezes alferes-mór, que cuberto a levou diante; e assim acompanhado até o caes da rainha, se embarcou na galé real, cuja obra é estranha, porque só na pópa, onde elrei vai, se afirma que se gastaram mais de oito mil cruzados, porque é da mais estranha e singular invenção que se viu. Toda era cozida em ouro, com muitas historias abertas no mesmo páu, com outros muitos vultos formosissimos, e outras personagens de temerosos aspeitos, tudo obrado com maravilhoso arteficio; e o farol real era conforme a dita obra de maravilhosa invenção.

(A. Herculano.)  
(Continuar-se-ha).

PHILOSOPHIA DA VIDA SOCIAL, OU ARTE DE AGRADAR NO MUNDO.

= O MUNDO, disse espirituosamente um observa-

dor, é uma lanterna magica que, perpetuamente em acção, appresenta uma vastissima scena em que se vêem passar em confusa mistura defeitos e ridiculos, pretensões e exigencias da vaidade, sensatez e idiotismo, cordura e impertinencia, todas as qualidades emfim boas ou más d'individuos de todas as idades e condições. Physionomias e caracteres, gestos e maneiras, linguagem e assumpto das conversações, tudo ahi é d'ordinario estudadamente composto e affectado: mas, assim como ao observador attento não escapa a condição e o character do mascara atravez do seu disfarce, tambem os defeitos e os vicios se revelam apesar do verniz que os cobre.

1.<sup>o</sup> O mais seguro meio de figurar na sociedade é mostrar-nos veridicos e modestos em nossas relações com os outros.

2.<sup>o</sup> Se quereis ser acatado e respeitado, receber louvores e civilidades, começai por merece-las procurando de continuo o aperfeiçoamento. A verdadeira perfeição, que deve ser o fim de nossos esforços perseverantes, é a virtude. Com ella seremos indulgentes para com as fraquezas humanas, e já-mais descobriremos suas faltas e seus erros para brilharmos á sua custa.

3.<sup>o</sup> Sêde sempre reservado e moderado na manifestação de vossos pezares ou alegrias. A impaciencia muito trivial de confiar ao primeiro encontro as proprias felicidades ou desventuras é uma fraqueza d'alma que nada consegue de bem, e pôde ter graves inconvenientes.

4.<sup>o</sup> Não vos desalenteis já-mais com os azares da fortuna: esperai antes com magnanimidade a volta da prosperidade, conservai sempre confiança em vós mesmo, na bondade da Providencia, nos homens bons e generosos, na perpetua mudança dos destinos humanos.

5.<sup>o</sup> Sêde precatados e pacificos nos accidentes imprevistos e difficultosos da vida social. Quando o céu quer favorecer e privilegiar um mortal, disse um philosopho, dá-lhe uma grande *presença de espirito*. E ainda que não esteja na mão de cada um este precioso beneficio, pôde-se comtudo prevenir as consequencias desagradaveis de sua falta pela vigilancia e pela prudencia.

6.<sup>o</sup> Quereis vós conservar no mundo vossa independencia? Quereis collocar-vos de nivel, em igualdade com os individuos de vossas relações? Não lhe peçais cousa alguma; e não acceiteis senão raras vezes os serviços que voluntariamente vos prestarem. Como porem, dizeis vós, prescindir sempre do appoio e da protecção dos outros? Como! O meio é simples e facil; moderai vossos desejos, restringi vossas precisões.

7.<sup>o</sup> Desempenhai com lealdade vossa palavra, cumpri fielmente vossas promessas, dizei sempre verdade. Ainda que tenhamos muitas vezes motivos para não revelar nossos pensamentos, nada comtudo pôde auctorisar-nos a dizer o contrario do que pensamos. Nunca houve mentiras necessarias: as mais leves podem fazer-nos perder a confiança e a estima de nossos semelhantes.

8.<sup>o</sup> Sêde pontual, laborioso, minucioso mesmo no cumprimento de vossos deveres publicos. Adoptai methodos de ordem e arranjo em vossos negocios, e nos dos outros que estiverem a vosso cargo. Todo o mundo se compraz em ter relações com um homem pontual e exacto.

9.<sup>o</sup> A arte d'agradar na sociedade é saber adaptar o assumpto e a phrase da conversação á con-

dição das pessoas com quem tratámos, á sua capacidade e comprehensão, ao seu genio, character, e posição social. — Observemos, diz Laroche-focauld em suas maximas moraes, pezemos attentamente o logar, a occasião, e a disposição em que se acham as pessoas que nos escutam: porque se ha uma arte de saber fallar a proposito, ha outra que nos aconselha saber callar. Ha um certo silencio eloquente que serve a approvar e a condemnar, bem como ha outro que é de discrição e de respeito. —

10.<sup>a</sup> Não esqueçamos nunca que aquelles com quem entrámos em conversação querem ser agradavelmente distraídos, senão lisongeados. — Loquimini placencia = diz a Escriptura; fallemos-lhes quanto ser possa de cousas delectaveis, mas honestas. Uma conversação longamente instructiva acaba sempre fatigante; é preciso tempera-la com bons ditos e jovialidades. Não ha cousa que no mundo pareça mais espirituoso e delectavel como os louvores e elogios delicados. Não façais jámais o papel de gracioso e chocárreiro; ainda menos o de vil adulator. Procurai com discrição ser ingenuo e natural: o homem que constantemente quer parecer agudo e espirituoso, termina por se fazer insupportavel.

11.<sup>a</sup> Conservemos quanto possivel fór um semblante sereno e socegado. O mais amavel exterior com que um individuo se possa appresentar na sociedade é esta serenidade filha da igualdade d'alma, e esta d'uma consciencia pura e tranquilla, d'um coração que não é agitado pelo tropel das paixões violentas. Sêde benigno e benevolo para com todos que se approximarem de vós. Dirigi algum dito officioso, d'obsequio, ou instructivo ás pessoas com que vos entretiverdes; mostrai que vos interessais por ellas. Guardai-vos porem de arrogar o papel de mestre ou de protector, porque essa supremacia fere a modestia, e não alcança o seu fim.

12.<sup>a</sup> Conversação é um dos meios que temos no nosso poder para obtermos estima e consideração no mundo: mas para isso é necessario que evite estes tres escolhos; que não fira, que não enfade, que não fatigue. Ponde um cuidado escrupuloso em banir de vossas palavras a maledicencia, a calumnia, as reticencias malignas, o escarneo insultador; estas espadas de dois gumes que quasi nunca deixam de tocar e ferir a propria mão que ousa maneja-las. — Desgraçadamente este ar satyrico e malevolo agrada ao commum das sociedades: entretanto mais cedo ou mais tarde faz desprezível o individuo que busca agradar á custa do credito e da reputação dos outros. A zombaria, permittida quando ella é temperada com critica espirituosa e galante, é aquella que sem offender os individuos recahe sobre os desvios, os ridiculos, e os excessos dos usos e das modas, dos vicios e dos máus costumes. Desconfiai daquelles que affectam querer encobrir todas as faltas, desculpar todos os erros: ordinariamente não são senão hypocritas que com o manto da caridade christã se procuram acreditar para cobrir os seus proprios, ou para acreditarem o mal que elles disserem do proximo.

13.<sup>a</sup> Sêde circumspecto e mesurado quando censurais ou condemnais alguma cousa. Como no mundo ha poucas verdades absolutas, e a maior parte das cousas podem ser olhadas por differentes modos, é difficil pronunciar com justeza nos negocios alheios. Guardai-vos mais que tudo de querer apreciar os motivos das acções boas, rebaixando-lhe o

merito pela pequenez de causas suppostas. É preciso julgar sempre o bem, segundo o gráu d'utilidade que occasiona aos outros.

Fallai pouco: e pezai antes de fallar as palavras, para que não succeda dizer o que deveis ou quereis occultar, ou proferir cousas que tornem a conversação enjoativa e desagradavel. Apprendei a escutar os que fallam, nem os interrompais cortando-lhe o discurso; soffrei mesmo que digam cousas inuteis. Se tiverdes de contrariar o que dizem os outros procurai adoçar o azedume que fere o amor proprio; um *talvez*, ou um *póde ser*, dizia o espirituoso Weiss, são o exordio mais philosophico para contestar uma opinião.

Nunca fallemos de nós e de nossos negocios senão a nossos amigos intimos: o máu costume contrario nos faz parecer egoistas ou vaidosos. A modestia é uma das qualidades mais amaveis, e tanto mais agrada, quanto é mais rara. Aquelles que fazem alardo de seus triumphos, que revelam seus talentos, que obrigam a escutar suas composições, que emfim andam mendigando aplausos, alcançam o effeito contrario; pois que todos lhe retribuirão com enfadamento e escarneo.

É preciso ser tolerante e impassivel nas discussões em que a razão ou o emprego nos obriga a tomar parte. Soffrei mesmo pacientemente a ironia e o sarcasmo com que combaterem vossas boas razões: oppondo sempre a polidez e a magnanimidade com perseverança, sêde certo que triumphareis daquelles fracos adversarios, porque vossas armas são melhores, assim como vossas forças mais seguras. Sêde indulgente com os homens preoccupados de boa fé, e lembrai-vos que a fraqueza da intelligencia humana, a limitada esphera de nossos conhecimentos, a perfeição emfim de nossa natureza, nos deve conduzir a deplorar antes do que fulminar os defeitos do proximo.

Jámais tomareis parte nas conversações malevolas ou equivocadas, nas que atacam a crença estabelecida, as auctoridades que presidem á ordem publica, as leis que regem a sociedade. O vicio contrario é desgraçadamente o typo quotidiano das reuniões de nossa epocha, apenas escapada d'uma revolução que pôz em jogo e movimento todas as ambições, todas as vaidades. Cada qual se crê com capacidade e direito de reconstruir a sociedade, de lhe assignar novas constituições e novas crenças. Não esqueçamos jámais que todas as opiniões são respeitaveis quando são sinceras: procuremos antes illustrar do que hostilisar.

J. da C. N. C.

*Introdução da seda na Europa.* — Os romanos creram por muito tempo que a seda era producto vegetal como o linho e o algodão: da Persia lhes vinha esta fazenda, procedente da China, região que não conheciam. Uns monges gregos, em tempo do imperador Justiniano, trouxeram a Constantinopola os sirgos ou bichos da seda, e ensinaram o cultivo das amoreiras e tudo o mais conducente ao fabrico daquelle precioso tecido. Rogerio, rei de Sicilia, chamou em 1030 a Palermo artifices gregos que ensinassem esta industria, que dahi passou á Italia e á Hespanha e em França entrou quando governava Henrique 4.<sup>o</sup> — O reino deste nosso continente que [segundo a geral opinião] produz mais seda é o reino de Napoles.